



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – *CAMPUS* SOBRAL
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA**

ILANA SANTOS ALVES

**A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA DE
EXTENSÃO**

**SOBRAL
2018**

ILANA SANTOS ALVES

A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, *campus* Sobral para obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Francisca Denise Silva do Nascimento.

SOBRAL

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- A479f Alves, Ilana.
A Formação em Psicologia a partir de uma Experiência de Extensão / Ilana Alves. – 2018.
38 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral,
Curso de Psicologia, Sobral, 2018.
Orientação: Prof. Dr. Francisca Denise Silva do Nascimento.
1. Extensão Universitária. 2. Formação. 3. Transformação Social. 4. Psicologia. I. Título.
- CDD 150
-

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Ivete e Ruberval, que me deram a vida e, na medida do que esteve ao alcance, me ajudaram a continuar nessa jornada na graduação.

Ao meu irmão, Renato, que sempre está ao meu lado para me dar apoio em cada sonho e projeto que eu planejo.

À minha irmã, Roberta, que esteve me dando apoio nessa reta final a cada dia de construção desse trabalho.

Aos meus sobrinhos, Arthur e Heitor, que mesmo ainda não tendo noção da importância que têm em minha vida, me faziam um ser humano melhor a cada dia.

À minha tia-madrinha Hila e ao meu tio Jorge, por me ajudarem tanto – mesmo que de longe – na construção dessa longa jornada na graduação em busca de meus sonhos e projetos.

À minha orientadora, professora, coordenadora e construtora do LAEDES e forte mulher, Denise Nascimento, por quem nutro uma grande admiração, pela paciência, atenção, apoio e suporte que me deu durante toda a graduação e ao construir esse trabalho.

Ao meu companheiro de vida e grande amor, Luiz Neto, por todo o suporte, apoio, carinho, amor e companheirismo que me dá e deu nos momentos fáceis e difíceis dessa longa jornada da graduação e da vida.

Aos meus queridos amigos laedeanos, Ana Carla, Débora Cristina, Marco César e Juliana Nascimento, por construírem comigo um mundo diferente, ainda que em pequenos passos.

Aos meus queridos amigos de turma e de vida, Amanda de Freitas, Iasmyn Carlos, Karlos Ruan, Joseane Oliveira e Matheus Montenegro por cada momento de felicidade e descontração, acreditem, vocês foram essenciais para que eu me tornasse alguém melhor dentro do curso.

Às minhas duas queridas amigas do Serviço de Psicologia Aplicada, Maiara Farias e Rejane Nascimento, por cada conversa e carinho nesse ano final da graduação. Vocês duas foram das melhores pessoas que a Psicologia colocou em minha vida.

Aos discentes e egressos entrevistados nessa pesquisa que aceitaram de boníssima vontade contribuir com meu trabalho.

À professora Camilla Lopes e ao professor João Guilherme que tão prontamente aceitaram fazer parte da banca avaliadora desse trabalho.

À todos que constroem o curso de Psicologia da UFC, *campus* Sobral, por me proporcionarem experiências e vivências inigualáveis ao decorrer desses anos que estive no curso.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA	9
2.1. Histórico da Formação em Psicologia no Brasil.....	9
2.2. Formação em Psicologia na Universidade Federal do Ceará.....	11
2.3. O Projeto (Político) Pedagógico (PPP) do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), campus Sobral	13
3. O LUGAR DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NAS GRADES CURRICULARES	14
3.1. A extensão no curso de Psicologia da UFC em Sobral.....	15
3. O PAPEL DA EXTENSÃO PARA A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA SEGUNDO A PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES E EGRESSOS	17
3.1. O caso LAEDES	17
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	24
ANEXOS	26

RESUMO

A extensão, enquanto um dos pilares do ensino superior, tem papel direcionador na formação do estudante. Nesse presente trabalho abordamos qual papel tal extensão universitária desenvolve e desenvolveu para os estudantes e egressos do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, *campus* Sobral. A pesquisa tem caráter qualitativo onde foram utilizadas falas de oito informantes, sendo cinco atuais estudantes e três egressos do curso. Todos os informantes fizeram ou fazem parte da extensão intitulada “Laboratório de Estudo das Desigualdades” (LAEDES). As entrevistas foram feitas partindo de uma única pergunta disparadora. Ao longo das entrevistas foi percebido o quanto a extensão tem um caráter impulsionador e modificador para os estudantes que a constituem. A relação de práxis, de real contato com a comunidade é o que mais impulsiona os extensionistas a continuarem construindo sua formação alicerçada pela extensão. Os egressos mostraram o quanto a extensão universitária foi um direcionador de possibilidades que reverberou nas escolhas e rumos profissionais que hoje trilham. A extensão universitária se mostrou um importante dispositivo de aprendizagem trazendo à tona a questão da curricularização desse dispositivo nos cursos como uma nova forma de (re)construção da educação superior.

Palavras-chave: Extensão Universitária. Formação. Transformação. Psicologia.

ABSTRACT

Extension, as one of the pillars of higher education, has a leading role in student training. In this paper we discuss what role this university extension develops and has developed for students and graduates of the Psychology course of the Universidade Federal do Ceará, *campus* Sobral. The research has a qualitative character where eight respondents were used, five current students and three graduates of the course. All informants made or are part of the extension entitled "Laboratório de Estudo das Desigualdades" (LAEDES). The interviews were based on a single triggering question. Throughout the interviews it was perceived how much the extension has a booster and modifier character for the students that constitute it. The relation of praxis, of real contact with the community, is what most impels the extensionists to continue building their formation based on extension. The graduates showed how much the university extension was a driver of possibilities that has reverberated in the choices and professional paths that today they tread. The university extension showed to be an important learning device bringing to the surface the question of curricularisation of this device in the courses as a new form of (re)construction of higher education.

Key-words: University Extension. Formation. Transformation. Psychology.

1. INTRODUÇÃO

A Psicologia enquanto área profissional/de atuação carrega consigo um longo período histórico para o seu reconhecimento enquanto formação e profissão. Dentro desse período se encontram muitas mudanças, discussões e percepções que constroem essa área de conhecimento trazendo, assim, uma vasta e complexa análise a ser construída para o aprimoramento dos sujeitos que escolheram fazer parte dessa profissão.

A formação em Psicologia e sua atuação foram regulamentadas em 1962. Porém, antes mesmo da regulamentação já se falava na formação em Psicologia. Em 1923 foi criado o Laboratório de Psicologia da Colônia do Engenho de Dentro, na cidade do Rio de Janeiro, que foi transformado mais tarde no Instituto de Psicologia do Ministério da Educação e Saúde Pública onde já se falava na possibilidade de uma escola superior de Psicologia, porém, esta não pôde se concretizar devido ao fechamento do Instituto com menos de um ano de atividade. (LISBOA & BARBOSA, 2009)

Os anos de 1930 a 1962 denominam-se como período universitário, já que é nessa época que a Psicologia passa a ter lugar nas cadeiras do Ensino Superior constituída como disciplina obrigatória dos cursos de Licenciatura, dando ênfase às universidades de Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Inicialmente, a Psicologia não teve o caráter profissionalizante, sendo incorporada apenas nos cursos de outros profissionais. (LISBOA & BARBOSA, 2009)

A partir do ano de 1946 começa a mudar o rumo da história da Psicologia no Brasil, já que ela deixa de ter esse caráter complementar das formações de outros profissionais e se institucionaliza a formação do Psicólogo através dos cursos especializados de Psicologia. Com a formação dos especialistas em Psicologia se inicia o exercício da profissão no Brasil, mesmo que nesses cursos ainda não se encontre uma norma estabelecida para seu funcionamento e tenha um caráter superficial da formação dos Psicólogos. (LISBOA & BARBOSA, 2009)

Durante toda a década de 50 foram dados importantes passos para a regulamentação e formalização da formação e profissão do Psicólogo. Em eventos acadêmicos foram apresentados cada vez mais trabalhos e pesquisas que envolvessem a área. (LISBOA & BARBOSA, 2009) E em 1962 foi regulamentada a formação e profissão, porém, grandes divergências e mudanças aconteceram daquele tempo aos dias de hoje.

A área da Psicologia vem crescendo e trazendo cada vez mais discussões acerca do fazer do Psicólogo. É incontestável a mudança que o fazer do Psicólogo teve durante esses anos e como este foi ramificado por áreas, métodos e campos de atuação, mudando – inclusive – a percepção de sujeito categorizado para um sujeito contextualizado e com individualidade subjetiva. Podendo, assim, distanciar a Psicologia do fazer que visa a estigmatização e censura das pessoas e suas relações.

A Psicologia, enquanto seu fazer crítico e seu lugar de repensar as relações, também nos faz pensar acerca da nossa própria formação enquanto futuros psicólogos. O que a Universidade e seus dispositivos trazem de aprimoramento na atuação do psicólogo(a)? Partindo dessa ideia, a extensão é vista aqui como fundante para a formação do sujeito e como um desses dispositivos que pode trazer insumos para uma formação ainda mais completa ao profissional. Onde podemos levar em consideração o que traz a Resolução nº 28/CEPE sobre a curricularização da Extensão na Universidade Federal do Ceará (2017): “as ações de extensão a serem inseridas no currículo dos cursos de graduação deverão reforçar a interação com a sociedade visando a impactos positivos nos âmbitos culturais, científicos, artísticos, educacionais, sociais, ambientais.”.

Segundo o I FORPROEX (1987, p. 11) “A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade” nos dando, então, essa ideia de aproximação da extensão com a Psicologia através do cunho de transformação social. Psicologia e Extensão são fazeres que se compõem.

Partindo dessa ideia inicial, a presente pesquisa tem caráter qualitativo, onde foram entrevistados cinco atuais alunos e três egressos do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, campus Sobral, que fazem/fizeram parte do projeto de extensão Laboratório de Estudo das Desigualdades (LAEDES). A pesquisa parte do conceito de entrevista focalizada que, segundo Gil (2010, p.112) “enfoca um tema bem específico. (...) com o objetivo de explorar a fundo alguma experiência vivida em condições precisas. Nestes casos, o entrevistador confere ao entrevistado ampla liberdade para expressar-se sobre o assunto.”.

O histórico do número de extensionistas e ex-extensionistas do Laboratório que será abordado se dá, desde sua fundação, de tal forma:

Extensionistas egressos do curso de Psicologia	6
Já foram extensionistas, mas deixaram a extensão no	7

decorrer do curso de Psicologia	
Atuais extensionistas	16
Total	29

Foram realizadas oito entrevistas, onde cinco foram feitas face a face e três foram feitas através de mídias sociais por conta da distância geográfica entre entrevistadora e entrevistado. Destes oito entrevistados, quatro estão no período final do curso (entre o oitavo e décimo semestre), um está na fase inicial do curso (quarto semestre) e três são egressos. Sendo todos extensionistas e/ou ex-extensionistas do Laboratório de Estudo das Desigualdades.

O Laboratório de Estudo das Desigualdades é um dos projetos de extensão mais antigos do curso de Psicologia da UFC, *campus* Sobral, tendo sido fundado em 2010. Este tem como foco principal mostrar às pessoas que vivem numa condição de pobreza que elas não são obrigadas a continuarem reféns da negação de direitos e sofrendo as consequências de uma vida sem recursos financeiros. Sendo assim, os principais temas estudados no laboratório giram em torno da pobreza, desigualdade e exclusão social. A opção por fazer a pesquisa a partir do laboratório por conta da proximidade da pesquisadora com o mesmo, já que esta também fez parte como extensionista e percebeu como este tem o caráter de mobilizar os estudantes que escolhem fazer parte desse projeto. Mobilizar no sentido de movimento e de grupo. Mobilizar em busca de uma transformação social que também acaba transformando o próprio estudante. É um ciclo de movimento.

Partindo da experiência da pesquisadora no presente Laboratório, esta quis trazer para seu trabalho e para às discussões acadêmicas o quanto o fazer da extensão pode ser modificador para a formação dos estudantes na Universidade e o quanto este contato com a comunidade engrandece as reflexões acerca da atuação do futuro profissional. Já que foi na experiência da extensão que a pesquisadora pôde questionar qual seria seu papel enquanto profissional diante de diversos momentos que vivenciou dentro do dispositivo. A extensão, então, traz esse papel – também – de ser um dispositivo inquietador e reflexivo.

Contudo, a partir de uma volta histórica sucinta da formação em Psicologia no Brasil chegando a Universidade Federal do Ceará, partindo para o lugar que a extensão universitária ocupa nas grades curriculares – especificamente no Projeto Pedagógico do Curso de Psicologia em questão – pretende-se analisar e discutir o papel que a extensão tem para a formação em Psicologia, a partir das entrevistas que foram feitas junto aos estudantes do curso levantando em questão a curricularização da extensão universitária.

2. A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

2.1.Histórico da Formação em Psicologia no Brasil

Antes da formalização das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos de Psicologia, a formação em Psicologia se dava a partir do Currículo Mínimo (CM) onde se consistia como o núcleo de matérias indispensáveis em carreiras profissionais de graduação. Na época em que o Currículo Mínimo vigorava as disciplinas eram isoladas onde, teoricamente, se distanciavam da realidade que era vista no país e que a Psicologia poderia pôr a mostra os problemas. (RUDÁ & ALMEIDA-FILHO, 2015, p.60).

Nos anos anteriores a Lei nº 4.119 (1962, 27 de agosto) a formação em Psicologia se dava em torno de cursos de especialização ou em cursos breves de preparo técnico. Esses cursos eram voltados para profissionais das áreas de Filosofia, Direito, Medicina, Pedagogia e Teologia Moral. A natureza dos cursos em Psicologia nesses anos é um ponto controverso, como foi dito anteriormente, em 1923 foi criado o Laboratório de Psicologia da Colônia do Engenho de Dentro, na cidade do Rio de Janeiro, e é nesse mesmo Laboratório que podemos encontrar a criação de um curso regular de formação de psicólogos onde, embora não configurasse um curso de graduação, propunha sistematicamente a formação em Psicologia. (RUDÁ & ALMEIDA-FILHO, 2015, p.61).

O curso, entretanto, não teve avanço. Segundo Rudá & Almeida-Filho (2015, p.61)

especula-se que grupos contrários à autonomização da Psicologia – formados por médicos e setores da igreja católica – teriam sabotado o projeto (...), pressionando o governo federal a revogar a lei (...). É bem evidente, à época, a forte presença do Estado e da Igreja na regulação de cursos, profissões e diplomas, fazendo da matéria educacional, especialmente em nível superior, um território de deliberações centralizadas.

O que, a partir dessa forte presença do Estado e da Igreja, faz despertar a curiosidade que dos cinco primeiros cursos de Psicologia no Brasil, quatro estarem ligados a instituições católicas. Apenas o curso da Universidade de São Paulo está fora do contexto religioso, diferente dos da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), PUC-RS, PUC-MG e Universidade Católica de Pernambuco. (RUDÁ & ALMEIDA-FILHO, 2015, p.61).

Essas criações mostram a reação da Igreja Católica à progressiva laicização do Estado e da sociedade brasileira desde o final do século XIX, fortemente impulsionado pelo movimento republicano, de marcada orientação positivista. (RUDÁ & ALMEIDA-FILHO, 2015, p.61). Onde, também nos faz entrar na questão do início da formação em Psicologia ser

voltada prioritariamente a utilização de métodos e técnicas psicológicas com a intenção de obter diagnóstico psicológico, orientação e seleção profissional. Ou seja,

nós tínhamos, nos anos 1960 e 70, uma formação estreita para uma psicologia que tinha lugar restrito e pequeno na sociedade brasileira. Uma psicologia colada aos interesses da elite que lhe servia nas indústrias, nas escolas, nos consultórios e serviços de saúde, sempre na busca da adaptação dos sujeitos a uma sociedade em transformação; a uma sociedade cuja elite desenhou seu futuro como nação moderna, industrializada e urbana. (BOCK, 2015)

Após a ditadura militar, com a redemocratização do país, nos anos 70 e 80, surge um momento rico para a Psicologia, de discussões e pensamentos em torno da formação e atuação do Psicólogo onde as reflexões e críticas apontavam para as mudanças nos modos como a Psicologia chegava à população e na formação do psicólogo nas instituições de ensino. (MARTINS, MATOS, MACIEL, 2009). Ao mesmo tempo em que a Psicologia pensava em suas novas formas de atuação, já que a crise econômica fez o mercado da clínica privada começar a dar sinais de saturação, acontecia no Brasil a Reforma Sanitária e a Reforma Psiquiátrica que dava seus primeiros passos dando espaço e oportunidade para os psicólogos procurarem atuação no campo da Saúde Pública. Este é, portanto, um momento de ampliação dos campos de atuação e explicitação do compromisso social da Psicologia. (RUDÁ & ALMEIDA-FILHO, 2015, p.71).

Em 1984, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) lança um programa para debates que envolviam a formação dos psicólogos na direção do enfrentamento das questões relativas à formação. “O CFP, portanto, colocou-se no papel de articulador entre instituições de ensino superior, MEC e CFE, para a elaboração de um novo currículo de Psicologia, dadas as constatações de que o CM, estabelecido há mais de vinte anos, já se encontrava defasado.” (RUDÁ & ALMEIDA-FILHO, 2015, p.71). Uma das medidas que se lutou era para que o CFP, o MEC e as Universidades pudessem tomar decisões sobre o currículo.

A partir dessa mobilização do CFP e do engajamento que foi percebido a partir das atividades promovidas pelo Conselho, este começa a fazer investidas nacionais no processo de discussão da formação profissional. Dado todo o sucesso das movimentações e discussões, no ano de 1992, acontece o I Encontro de Coordenadores de Cursos de Formação de Psicólogos onde ficou conhecido como o Encontro de Serra Negra e é tomado como um marco histórico de reflexão do processo de formação profissional do Psicólogo no Brasil. (RUDÁ & ALMEIDA-FILHO, 2005, p.72).

Em 1995, altera-se a legislação educacional em vigor, onde se dispõe que o Conselho Nacional de Educação (CNE) tem a atribuição de deliberar sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação, a partir da constatação que o Currículo

Mínimo se mostrava, segundo Rudá & Almeida-Filho (2015, p.74), “ineficaz para garantir qualidade, inovação e diversificação da formação superior, sendo preciso, portanto, a sua substituição como referencial normativo para esse nível de formação.”. É o início do fim do Currículo Mínimo.

Segundo Rudá & Almeida-Filho (2015, p.74)

a noção de Diretrizes Nacionais (...) faz a centralidade da formação deslocar-se das disciplinas para os objetivos da formação. Isto é, o foco recai nas competências a serem desenvolvidas num processo formativo, e não em um conjunto prévio e fechado de conteúdos curriculares.

Em 2004, após longa discussão, as Diretrizes Curriculares para os cursos de Psicologia foram aprovadas. A partir desse momento os cursos de Psicologia deixam de atender às demandas do Currículo Mínimo para atender normas mais flexíveis e permeáveis às exigências da sociedade e do mundo do trabalho, levando em consideração suas constantes transformações.

No ano de 2011 há uma reformulação nas Diretrizes onde se institui normas para o Projeto Pedagógico para a Formação de Professores de Psicologia. Atualmente, continua se discutindo sobre a formação do psicólogo, mas ainda há muito que ser acrescido nas formações para que a atualização dos profissionais em conjunto com a transformação social e com suas competências profissionais estejam afinadas com o momento da sociedade. Afinal, é sempre um dever, a sociedade e o profissional nunca estão prontos, mas que possam sempre estar adjacentes.

2.2. Formação em Psicologia na Universidade Federal do Ceará

No contexto pós-ditadura, nos anos 70, surge o curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) em Fortaleza, onde “a ideia do Curso de Psicologia na UFC foi concretizada através da oferta de 30 vagas para o primeiro vestibular em 1974, apesar da oferta de vagas ter ocorrido no final de 1973, e em apenas 1975 o Curso ter sido oficialmente criado.” (LIMA, SANTOS *et al.* 2016, p.286).

Pensando no contexto histórico no qual o curso se concretizava, a prática psicológica era voltada para um modelo primordialmente da Psicologia Experimental e Clínica. Observava-se muito mais a valorização de modelos técnico-práticos reduzidos, concatenando com o que se via na época, do que uma ampla visão do que a Psicologia poderia proporcionar. (LIMA, SANTOS *et al.* 2016, p.286).

No período de sua criação, no curso de Psicologia da UFC de Fortaleza, segundo Lima, Santos *et al.* (2016, p.286)

o que estava em jogo era a carência no processo de formação profissional do psicólogo na UFC, reflexos de uma política difusa quanto aos posicionamentos teóricos, (...) onde o modelo empresarial relegou um valor secundário à educação e (...) a atividade era dirigida mais para oferecer informações do que para a formação propriamente.

Onde o acúmulo de informações se mostrava um meio de aprendizagem o que causa, no mínimo, um real distanciamento da verdadeira prática do Psicólogo.

Ainda que em contextos históricos diferentes, os cursos de Psicologia da UFC em Fortaleza e da UFC em Sobral se mostram muito parecidos frente às condições de implantação, já que, segundo Lima, Santos *et al.* (2016, p.287) o curso de Psicologia da UFC em Fortaleza,

foi criado as pressas e sem uma real preparação da comunidade acadêmica, mesmo sem condições físicas e materiais para sua instalação. Com recursos escassos aplicados à educação, o número de professores era pequeno, oito em 1975 e dez em 1976.

Enquanto o curso de Psicologia da UFC em Sobral foi criado no ano de 2006, mas seguindo o mesmo modelo de implantação sem estrutura física (o que persiste até os dias de hoje) e com número mínimo de professores.

Desde sua criação, os docentes e discentes do curso de Psicologia da UFC em Sobral carregam consigo um caráter de construção educacional e luta muito forte, levando em consideração que o curso funciona há 12 anos sem nunca ter possuído uma estrutura física adequada e o Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) ter sido conquistado à base de uma greve geral no curso.

O curso de Psicologia da UFC em Sobral foi criado a partir do propósito de expansão e interiorização das Universidades Federais que segundo a Lei nº 10.172 em Brasil (2001) traz que

há necessidade da expansão das universidades públicas para atender à demanda crescente dos alunos, sobretudo os carentes, bem como ao desenvolvimento da pesquisa necessária ao País, que depende dessas instituições, uma vez que realizam mais de 90% da pesquisa e da pós-graduação nacionais - em sintonia com o papel constitucional a elas reservado.

E, também, segundo o Projeto Pedagógico do Curso de Psicologia (PPP) (2006, p.07)

o município de Sobral vive (...) um processo de crescimento e desenvolvimento econômico e social que por si só justificaria a implantação de um curso de graduação em Psicologia, levando-se em conta que os campos de atuação nesta área abrangem um espectro de atividades que vai das políticas públicas à prática privada e do contexto comunitário às organizações produtivas, a partir de um sentido amplo de saúde como promoção de qualidade de vida social.

Desse modo, o curso de Psicologia da UFC em Sobral nasceu com essa perspectiva de ampliação de oportunidades e, também, de proporcionar novas formas de desenvolvimento educacional e social para a cidade nesse processo de crescimento.

2.3. O Projeto (Político) Pedagógico (PPP) do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), campus Sobral

No PPP¹ do curso podemos inferir os principais focos que constroem o curso de Psicologia na cidade de Sobral. E, como dito anteriormente, este tem um forte caráter de ampliação da universidade pública, dando novas oportunidades à comunidade como, também, tem um forte papel social de promover formas de atender à população da Região Norte do estado no processo de crescimento frente às dificuldades em torno da área social, do trabalho e das organizações, clínica; hospitalar e da saúde, escolar e educacional, do esporte, jurídica e do trânsito.

Ainda na justificativa, o Projeto Pedagógico do curso de Psicologia (2006, p.07), traz sobre a importância da relação Universidade-Comunidade e o quanto o curso deve promover meios de ação para enfrentar as dificuldades da realidade socioeconômica do nosso país, especificamente no nordeste e na região norte do Ceará, onde este deve estar pautado pela formação pedagógica voltada para a cidadania. E no que tange a essa aproximação da Universidade e Sociedade o princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão é um dos maiores aliados já que a partir dele se pode pensar as novas formas de atuação e o que a sociedade de fato demanda da formação em Psicologia.

Toda a formação em Psicologia pela UFC em Sobral perpassa pelas ênfases em Processos Psicossociais e a construção da realidade e Processos clínicos e atenção à saúde onde toma a dimensão social como seu princípio norteador o que, considerando esse princípio norteador, traz a missão de formar profissionais comprometidos com a construção da realidade e com a construção de saberes psicológicos a partir de uma consciência crítica e posturas ético-políticas. A partir disso, o curso de Psicologia toma como base algumas proposições o que, aqui, durante a apresentação desse trabalho, pretendo me debruçar especificamente a uma única proposição, sendo esta: “Incentivar a participação em atividades de extensão que favoreçam a inserção do estudante na práxis psicológica.” (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE PSICOLOGIA, 2006, p.09).

E, aqui, é importante se conceituar a práxis, onde é definida, segundo Guimarães (2012, p. 430) como “a ação, a atividade, e, no sentido que lhe atribui Marx, à atividade livre, universal, criativa e auto-criativa, por meio da qual o homem cria (faz, produz), e transforma

¹ Apesar da nomenclatura ter mudado para PPC (Projeto Pedagógico do Curso), o colegiado manteve o mesmo modo de chamar o projeto, ou seja, em Sobral temos PPP (Projeto Político Pedagógico), pois o termo “político” é considerado importante demais para o colegiado para ser descartado.

(conforma) seu mundo humano e histórico e a si mesmo; atividade específica ao homem, que o torna basicamente diferente de todos os outros em seres.”. Sendo assim, é a partir desse processo de mudança do indivíduo a partir de suas próprias atividades, de uma prática reflexiva, que será tomada a Extensão Universitária.

3. O LUGAR DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NAS GRADES CURRICULARES

Quando se fala na relação Universidade e Sociedade, logo se pensa na Extensão, talvez por este ser o dispositivo que, dentro da Universidade, tem como definição a articulação entre o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável. Mas, para além disso, ser:

uma via de mão dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. (I FORPROEX, 1987, p.11)

Assim, a Extensão tem esse caráter de mobilização e movimentação, onde é saindo da sala de aula que o aprendizado acontece.

A Extensão Universitária nasceu da exigência por modernização do ensino. No Brasil, a Extensão começa a aparecer na cidade de São Paulo, no começo do século XX a partir do Decreto nº 19.851 onde dispõe sobre a criação das Universidades que traz, segundo Brasil (1931), “a influência educativa que a Universidade deve exercer sobre o meio social, instituindo a extensão universitária poderoso mecanismo de contato dos institutos de ensino superior com a sociedade.”.

O papel da Extensão na sociedade brasileira é datado desde o início das Universidades, na era Vargas, o que lhe dá essa característica de ter nascido como uma forma de “tamponar” o descompromisso com a realidade social, levando em consideração o que Freire (2011, p.10) nos traz

que durante os “anos de chumbo” impostos pela ditadura os equívocos com relação à extensão aprofundam-se, agravando ainda mais o quadro que caracterizava o ensino e a pesquisa no país. O regime militar deixou evidente, sobretudo, nos documentos que anunciaram a Reforma Universitária de 1968, que as instituições universitárias deviam intrometer-se nos problemas sociais em conformidade com a definição governamental, sem interferir ou ameaçar o interesse do regime.

Característica essa que não poderia ser diferente, levando em consideração a época política em que o país estava e, conseqüentemente, o período onde o ensino mostrava sua inflexibilidade e seu total distanciamento da realidade em que vivia: a do Currículo Mínimo.

Foi só em 1987, a partir do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), onde este começa a dar conceitos e significados à

atividade da Extensão. No documento produzido no I FORPROEX (1987, p.12) se discute sobre a institucionalização da Extensão e como pode ser conduzida a sua atividade nas Universidades a partir da metodologia, da estrutura universitária e da valorização da extensão regional e nacional. Desde então, a partir dessa Política Nacional de Extensão criada em meados dos anos 90, o Brasil tem avaliações anuais do papel da Extensão nas Universidades.

Contudo, como afirma Freire (2015, p.12)

no momento atual, em que a universidade pública sofre as mais duras ameaças, o desenvolvimento da extensão universitária, enquanto possibilidade do compromisso da instituição com a transformação da realidade, perde espaço diante da voracidade da lógica mercadológica. A força desse paradigma inspira ações universitárias despreocupadas com uma fundamentação para além dos critérios do mercado.

E com essa ambígua relação da Extensão na Universidade, podemos acabar perdendo o seu fio condutor em estar de fato em concordância com a promoção de cidadania da sociedade e dos autores que ali estão inseridos como, também, a aprendizagem ser apenas transmitida e não construída.

Nessa (des)pretensiosa construção de uma Extensão dentro da Universidade, quando se fala do curso de Psicologia parece que a discussão toma outros rumos, levando em consideração o caráter crítico e político que se apura e se constrói na formação, a Extensão vislumbra um papel social: o de transformação. Transformação no sentido de sua real aplicação, já que visa o seu real significado – de estabelecer essa relação/contato da Universidade com a Sociedade.

3.1. A extensão no curso de Psicologia da UFC em Sobral

O curso de Psicologia da UFC em Sobral, como foi dito anteriormente, tem como princípio norteador a dimensão social, o que faz a construção da Extensão no curso estar sempre ligada aos princípios sociais e políticos que estejam vigorando no momento de sua construção e ação. Atualmente, no curso de Psicologia da UFC em Sobral vigoram 13 projetos de extensão vinculados à PREX (Pró-reitoria de Extensão), sendo esses:

Cinefilos
Programa – Conhecimento é Cidadania Ativa – LAEDES – Laboratório de Estudos das Desigualdades
Reescrevendo Minha História
Discursos da Juventude do Norte do Ceará: Trajetos e Trajetória em Movimento
Elaborar: Compreender e Transformar o Trabalho
Grupos de Apoio ao Trabalhador

Programa – LAPPSIE – Laboratório de Práticas e Pesquisas em Psicologia e Educação
Liga de Psicanálise e Psicopatologia
Outras Histórias – Raça/Etnia e Gênero nas Escolas
Prismas: Núcleo de Estudos em Teoria Crítica, Indústria Cultural e Psicologia Social
Travessias – Atenção e Cuidado de Pessoas Trans
Água de Chocalho
Redes: Estudos e Práticas sobre Psicologia do Trabalho e Redes Sociais

No Projeto Pedagógico do Curso de Psicologia (2006, p.18) se fala que

a prática deverá estar presente durante todo o curso e não apenas no período dos estágios. Isto implica numa nova concepção da formação do discente, valorizando as experiências e vivências nos campos de atuação do psicólogo. O discente será acompanhado pelo professor nessas atividades, que serão desenvolvidas desde o primeiro semestre do curso, mediante a presença de créditos exclusivos para a prática.

È perceptível que já é característica fundante do curso essa relação com a real prática do psicólogo, sendo esta vivenciada no decorrer de toda a graduação. É importante esclarecer a diferenciação da prática para o conhecimento de técnicas psicológicas/atuação do psicólogo como se propõe nos estágios, e a prática como um impulsionador de transformação social, que se mostra na extensão. A atuação do psicólogo é, sem dúvidas, um dos importantes meios de mudança social e ter essa consciência, quando se pensa no ensino-pesquisa-extensão indissociavelmente é a principal ferramenta para se ter uma formação efetiva. Efetiva no sentido de contemplar as três instâncias indissociáveis da Universidade (ensino, pesquisa e extensão).

A curricularização da extensão, onde, a resolução nº 28/CEPE da Universidade Federal do Ceará (2017) fala que “entende-se por curricularização da extensão a inserção de ações de extensão na formação do estudante como componente curricular obrigatório para a integralização do curso no qual esteja matriculado.” Nasce da Lei nº 13.005 que, segundo Brasil (2015), deve “assegurar, no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social”. Essa medida faz com que se volte ao que foi discutido anteriormente em relação às pretensões do fazer da Extensão nas Universidades.

Assim sendo, prevê-se que os próximos PPPs deverão conter a obrigatoriedade da extensão e com base nisso esse trabalho apresentará no próximo tópico como a extensão pode contribuir para a formação. Serão apresentadas as falas de atuais e ex-extensionistas de modo

a percebermos o quanto a nova resolução possibilitará a todos (devido à sua obrigatoriedade) uma formação com experiências de práxis mais complexas.

3. O PAPEL DA EXTENSÃO PARA A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA SEGUNDO A PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES E EGRESSOS

O saber começa com a consciência do saber pouco (enquanto alguém atua). Pois sabendo que sabe pouco que uma pessoa se prepara para saber mais. Se tivéssemos um saber absoluto, já não poderíamos continuar sabendo, pois que este seria um saber que não estaria sendo. Quem tudo soubesse já não poderia saber, pois não indagaria. O homem, como um ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz constantemente o seu saber. E é por isto que todo saber novo se gera num saber que passou a ser velho, o qual, anteriormente, gerando-se num outro saber que também se tornara velho, se havia instalado como saber novo. (FREIRE, 1983).

3.1.O caso LAEDES

O LAEDES (Laboratório de Estudos das Desigualdades) foi criado no ano de 2010 com o intuito de atender às temáticas relacionadas à Pobreza, Exclusão e Desigualdade. A dinâmica do Laboratório se constrói através de grupos de estudos quinzenais onde são apresentados e discutidos textos relacionados às temáticas que se trabalha o Laboratório, através das ações de extensões em dispositivos de educação pública – principalmente escolas - e através da pesquisa e produção científica na qual, atualmente, o Laboratório está concluindo uma pesquisa financiada pelo CNPq que se propôs a estudar as representações sociais dos participantes do Pronatec (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego) e sua relação com os objetivos do programa.

Contudo, no início do Laboratório, a partir das leituras dos extensionistas, onde um deles estudava Paulo Freire, fundou-se um projeto dentro do Laboratório intitulado Reescrevendo Minha História que nasceu de conversas sobre as histórias de vida com a coordenadora do projeto, onde se destacou o fato de que a Universidade é um caminho possível, mas antes seria necessário avisar aos empobrecidos que isso é real e possível. Assim, o LAEDES tomou essa missão de levar a informação - o conhecimento – para as pessoas que tivessem interesse em mudar sua história de vida. Até hoje, o Reescrevendo Minha História é o maior pilar da ação de extensão.

A ação do Reescrevendo Minha História consiste na criação de parcerias com instituições de educação pública para que aconteçam momentos com os estudantes onde são

levadas histórias de sucesso² de pessoas que se encontravam em situação de pobreza e outra que mostre o contrário. O vídeo “Vida Maria” é um dispositivo muito utilizado nas ações mostrando esse lado “contrário”, onde apresenta o sofrimento de mulheres pobres que evolui e se reproduz ao longo de gerações. A ideia principal da ação é mostrar que a entrada na Universidade é sim um caminho possível para sair de sua condição de pobreza, desde que o público queira essa saída, ou seja, não se apresenta no laboratório uma receita de felicidade. A ambição do Laboratório é levar o sujeito a questionar sua condição e a partir desse questionamento poder projetar novos caminhos que possam contribuir para sua emancipação da condição de pobreza. Nessa tentativa de mudar o outro os laedeanos acabaram por se perceber também sendo modificados.

Ao longo desses quase oito anos alguns discentes passaram pelo Laboratório e este trabalho abordará a importância que essa extensão teve em suas formações em Psicologia. Ao entrevistar os extensionistas e egressos do curso de Psicologia e do Laboratório era perceptível a forma como cada um tinha de demonstrar afeto em relação ao tempo em que esteve atuando. Alguns deles deixaram transparecer esse sentimento por meio das palavras, como foi o caso de R.A. – uma das fundadoras do laboratório - quando fala que “é... é muita coisa... foi muito tempo de LAEDES que eu passei e, como eu queria... passar de novo esse tempo em dobro, em triplo.”

Outro caráter perceptível era em relação ao sentimento de acolhimento que eles trouxeram em suas falas como é o caso de A.C. quando fala que

eu sempre me senti no LAEDES como uma família, assim, né, nesse convívio todo mundo entre os extensionistas por ter essa proximidade e tudo mais, mas também por ter essa proximidade de pensamentos, de poder conversar e discutir temas que acontecem e que estão acontecendo atualmente. De poder ter algum local para discutir e conversar, ser acolhido sobre isso, sabe?

A.C. traz o sentimento de acolhimento como um dos fatores que fortificou seu pertencimento na Extensão, tendo esta como o refúgio onde poderia discutir sobre seu modo de enxergar o mundo. Sendo assim, mostra o quanto o Cuidado é um fator pertencente na Extensão que, segundo WAHLBRINCK *et al.* (2015, p.62), “para cuidar, não basta somente ver, escutar, perceber e amparar o outro. Cuidar não é só assistir e nem somente prevenir. Igualmente, cuidar não é meramente informar, nem somente instruir. Cuidar é promover dignidade de vida, implica em (trans)formar o fenômeno do descuido em Cuidado. É por isso que é educação.”

² Sucesso aqui não é entendido como “ser rico”, mas como superar condições precárias investindo nos próprios sonhos e projetos.

Ainda sobre a promoção da qualidade de vida, podemos destacar também a fala de M. C. onde ele fala sobre o processo de transição do seu conhecimento/fazer filosófico ao conhecimento/fazer psicológico

(...) quando eu cheguei na Psicologia eu fiquei meio perdido com a dinâmica do que é estudar e do que é perceber o mundo e as coisas a partir do modo psicológico de fazer isso. E aí eu fiquei preocupado com o modo em como eu iria me situar ali dentro do curso... e quando eu vi as apresentações das extensões de cara eu me interessei pelo LAEDES (...) por ser coordenado pela professora Denise, porque ela era uma pessoa assim.. a meu ver, muito receptiva e como – também – ela não era da área, né, da Psicologia, então, eu podia encontrar ali alguém que pudesse me ajudar dentro desse campo.

O informante M.C. encontrou na Extensão uma forma de adaptação ao fazer da Psicologia. Foi a extensão que proporcionou que ele desenvolvesse habilidades para essa adaptação.

Ao falarmos sobre adquirir novas habilidades, podemos perceber nas falas de D.C. e M.C. o quanto a extensão desenvolveu-os no sentido da diminuição da timidez e da melhor forma de expressão,. D.C. traz

eu entrei na graduação um pouco tímida – ainda hoje eu tenho essa questão com a timidez – e, de certa forma, eu evolui muito nesse sentido, que são algumas competências básicas para a profissão e, também, enquanto pessoa que essas habilidades são importantes de serem desenvolvidas. Então, na extensão eu tive a possibilidade de desenvolver essas aptidões.

E M.C. traz que a sua participação na Extensão “foi muito positivo para mim para eu poder desenvolver algumas habilidades que eu não tinha, né, de... assim... de grupo... de falar com as pessoas, né... de falar em público.”

A partir da ideia que Freire (1983) traz do saber sendo, desse saber em ação, pode-se perceber que a Extensão traz esse caráter de mobilização, de movimento da aprendizagem. Podemos tomar a fala de A.C. como um exemplo dessa característica

Não só “ah, eu sou a detentora do conhecimento e eu vou lá passar meu conhecimento”, mas também aprender junto com a comunidade, né, escutar, receber aquela demanda, saber o que que está acontecendo ali e aprender com aquilo.

Segundo Serrano (2012),

a Extensão é processo educativo e científico, ao fazer extensão estamos produzindo conhecimento, mas não qualquer conhecimento, um conhecimento que viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade e vice-versa. Uma extensão que é experiência na sociedade, uma práxis de um conhecimento acadêmico, mas que não se basta em si mesmo, pois está alicerçada numa troca de saberes, popular e acadêmico, e que produzirá o conhecimento no confronto do acadêmico com a realidade da comunidade.

Essa troca de saberes e de conhecimento fica nítida na fala de R. A. sobre uma das ações do Reescrevendo Minha História que desenvolveu

E eu me lembro, nunca vou esquecer, que uma das primeiras ações que a gente fez – não sei se foi a primeira, mas foi uma das primeiras – a gente foi no Cirão falar para uma turma de 3º ano e aí... a gente foi falar, né, da Universidade, das possibilidades que em Sobral tem... estadual, federal... e a galera acreditava que Universidade Estadual e Federal era para quem era aluno de Escola Particular, porque eles viam nos outdoors “primeiro lugar, não sei quantos aprovados...” achavam que era coisa de quem estuda no Farias Brito, de quem estuda no Luciano Feijão, e aí isso foi tão

impactante para a gente... dar de cara com alunos do terceiro que acreditavam que a Universidade Pública era Privada por uma questão de, não sei... falta de informação, informação distorcida... leitura equivocada da realidade... que a gente decidiu levar pessoas de Escola Pública que se formaram nesses cursos para contar sua história, mostrar que não, quem é de Escola Pública pode/deve/tem o direito de estudar numa Universidade Pública.

Como foi citado anteriormente, ao se falar em Extensão logo se pensa na prática. Porém, a Extensão não se faz só na prática, a Extensão se dá através da junção do ensino e da pesquisa. Isso ficou bastante explicitado nas falas de todos os extensionistas, já que todos em algum momento da entrevista citaram as reuniões do grupo de estudos como a base para eles irem à prática – ainda que a teoria não alcance a realidade. Podemos tomar a fala de D.C. como exemplo “a minha experiência com a extensão eu não vejo apenas com a prática, com o momento da extensão, mas também com as reflexões, com os momentos das leituras que guiavam essa ação.”.

Os fatores de colaboração na formação em Psicologia se mostraram diversos, indo desde a importância da escuta e do contato com a realidade do outro, segundo J.M. e segundo L.N.

ela ajuda não só na teoria como o que o psicólogo deve fazer ou deixar de fazer, mas é inicialmente essa experiência no contato com o outro nas suas diferentes formas mesmo, tá, porque o livro ele não dá conta... ele apresenta, apresenta, ele é importante, mas infelizmente ele nunca vai dá conta do que realmente é estar em contato com as pessoas, com suas dores, suas angústias, seus sorrisos ou não, né. (J.M.)

A extensão permite uma espécie de primeiro contato com as pessoas, experiência interessante para exercitar a escuta diferenciada do psicólogo em formação e futuro profissional. É uma práxis essencial na formação porque permite o contato com o outro, conhecendo um pouco sua história, sua trajetória de vida, suas dores... pelo menos, isso eu consegui alcançar com as extensões que fiz parte durante a minha graduação e isso me deu uma melhor ancoragem no sentido de escutar o outro, melhorar as intervenções no ambiente junto a população. (L.N.)

Perpassando pelo sentimento de transformação de uma realidade social, segundo R.A.,

o LAEDES é um exemplo de compartilhamento de conhecimento, a gente tinha uma extensão que tinha um objetivo, a gente saía para as atividades de extensão com um objetivo que era o seguinte: se a gente conseguir impactar uma vida, a gente já cumpriu nossa missão nesse local. E a gente, depois, nos surpreendíamos quando conseguíamos impactar mais de uma vida, né, e as pessoas reencontravam a gente e dizia “ah! graças a vocês... aquela palestra eu hoje tô na universidade, eu hoje tô fazendo curso tal...”.

Até chegar ao que a Extensão, popularmente, de fato, proporciona: a prática reflexiva, que, segundo I.D.,

Claro que temos que ter a base teórica, bem fortalecida aliás, mas só que a extensão te proporciona tanto em ter a base teórica como também te proporciona ir a campo e isso fomenta mais, tipo, ajuda mais na questão da formação na sua graduação.

E já que pôde-se perceber a práxis, podemos perceber, também, o quanto essa práxis contribui para o discente perceber que o seu fazer, de fato, transforma a realidade. O que, segundo I.D., se mostra de extrema importância na sua formação

Ao mesmo tempo isso te fortalece em estar na graduação, pelo menos no meu caso as ações que eu realizo de extensão isso faz com que eu me fortaleça dentro da graduação de que não faça daqueles momentos que eu quero desistir da graduação é... eu reúno forças para aplicar no projeto de extensão, qualquer que seja ele, mas esse intuito de me ver enquanto profissional na área me fortalece muito, fugindo da teoria, da sala de aula... e eu coloco que, às vezes, isso pode te frustrar um pouco, a gente tá só nisso sem conhecer o campo faz com que a gente se sinta um pouco frustrado.

O que nos faz perceber que a experiência na Extensão traz, de certa forma, esse caráter motivador.

A motivação une-se à transformação da realidade e conduz o sentimento de que mesmo o extensionista sendo um ser único, ele pode, sim, modificar algo. Esse sentimento fica bastante evidente nas falas de D.C. quando ela traz sobre todo o seu percurso na graduação marcado pela extensão e o quanto este foi sendo moldado pelo que construía dentro do projeto,

então, assim, durante esse percurso eu percebi que não apenas eu evolui nesse sentido de amadurecimento, de evolução, como também o próprio laboratório e as próprias pessoas foram amadurecendo ideias, questões e eu vi e vivi esse amadurecimento, sabe. O surgimento de certas ideias, não, o surgimento, não, seria o descobrimento, e como elas nos transformaram. Além dessa transformação no grupo, eu posso ver a transformação em mim, porque as minhas escolhas – como eu já havia dito – elas foram guiadas por essas relações, por esses aprendizados.

E de L.N. quando traz que

Mudei junto com a extensão a cada ação que fiz com o LAEDES (extensão que passei mais tempo na graduação. No caso, foram 5 anos), a cada debate semanal, a cada leitura que fazia... minha pesquisa/TCC foi um recorte de tudo que o LAEDES me possibilitou. A escuta de histórias de vidas de pessoas empobrecidas, de pessoas que lutam por algo a mais ou que já desistiram desse algo a mais... me fez mais Psicólogo, me deu experiência vivencial incrível... de entender, de se colocar no lugar do outro. (...) Sou muito grato por essa frase, que desde o início me impactou tanto... e é lema do laboratório: "Conhecimento é cidadania ativa". Foi com ela que me percebi como ser humano, como estudante de graduação... foi com ela que vi e ouvi pessoas se modificando, mudando suas condições de vida, reagindo, buscando conhecimento e quebrando seus ciclos de pobreza. Foi com o entendimento dessa frase que me vi me construindo como uma pessoa melhor... e dando novos sentidos em minha vida.

O sentimento de transformação da realidade se apresenta na fala dos discentes como uma relação muito complexa que constrói e modifica a partir de cada processo que se vivencia na extensão. O que nos mostra como um dispositivo que inicialmente parece tão “simples”, marcado pela característica da prática, pode se tornar tão transformador reverberando em todos os momentos da graduação, chegando até a vida profissional.

Segundo Molina, Brito *et al.* (2013, p.254), “a vivência profissional na prática da extensão proporciona uma formação acadêmica global, que avança em relação a uma formação estritamente conceitual, acrescentando um diferencial a eles, em relação a outros estudantes que não se envolveram em atividades de extensão – o que será um contributo para a vida profissional”. Essa afirmativa fica evidente nas falas de B.C. e R.A. – já que ambas são

egressas – onde trazem sobre o quanto a Extensão teve papel direcionador nas escolhas da carreira profissional que tomaram. Onde, B.C. traz que a sua experiência na extensão

foi muito importante, porque direcionou as minhas escolhas para o mestrado, né, que foi também uma decisão crucial na minha vida, o contato que eu tive com os jovens que eram atendidos pelo LAEDES dentro do projeto de extensão me fez querer fazer uma pesquisa de campo no mestrado onde eu pudesse entrar em contato com pessoas em situação de empobrecimento e vulnerabilidade, porque eu pude perceber no contato anterior que eu tive o quanto essa experiência era rica e iria me trazer informações únicas, né, que eu poderia reverter em uma produção acadêmica de qualidade e original.

E R.A. traz que

eu me apaixonei pela Psicologia Social com o LAEDES, que foi o que me fez buscar o mestrado em Psicologia Social. Então, assim, eu considero que o LAEDES plantou uma sementinha que faz hoje eu ter certeza que uma formação realmente rica tem que ter esses três pilares: ensino-pesquisa-extensão.

Assim, portanto, a partir da fala dos extensionistas e egressos entrevistados, pode-se perceber que a Extensão tem um caráter impulsionador e modificador para os discentes enquanto futuros Psicólogos. E esse caráter desperta a possibilidade de continuidade do ensino/conhecimento através das experiências que se tem na Extensão. Mostrando o quanto a Extensão é um dispositivo rico e que deveria ser experienciado por todos os estudantes a partir de sua expansão.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Extensão, acompanhando as mudanças na formação em Psicologia, teve participação e foi diretamente afetada pelas condições sócio-políticas do Brasil no seu aparecimento desde a construção das Universidades. No decorrer desse percurso da Extensão, se institui a possibilidade de sua curricularização, o que traz à tona os possíveis ganhos que estão ao redor dessa prática decretada num país em “crise econômica” vedada de uma possível (re)construção da Educação Superior.

A formação em Psicologia e a Extensão são compostos da Universidade, onde também pode-se perceber que estas têm consigo um caráter de dimensão social e de transformação da realidade, onde ambas trazem no seu arcabouço histórico a exclusão da importância que têm para a construção de uma formação mais implicada na sociedade. E é através da junção de ambas que extensionistas e egressos do curso de Psicologia da UFC em Sobral vivenciam e vivenciaram o caráter impulsionador e transformador desse “saber sendo”.

Este trabalho possibilitou à pesquisadora – enquanto discente do curso e futura profissional – pensar em relação a ação dentro da Universidade e como práxis pôde

influenciar o modo de ver o fazer enquanto futura Psicóloga e como irá reverberar na sua atuação profissional . Além de perceber, também, como é modificante a cada ação de extensão que se fez presente e como tal sentimento se repete nas falas dos extensionistas. Poder entrevistar esses discentes e egressos promoveu uma relação reflexiva mútua muito engrandecedora em torno do fazer na Universidade.

No decorrer da construção desse trabalho ficou evidente a dificuldade e escassez em encontrar produções científicas que fizessem essa junção da Psicologia e da Extensão, o pouco que se encontrou foi, de forma separada. Essa dificuldade reverberou no maior aprofundamento da pesquisa em relação às próprias experiências dos estudantes. Já que quando foram encontradas pesquisas relacionadas à Extensão, sua maioria estava relacionada mais com a devolutiva da sociedade do que com a reflexão dos próprios discentes sobre sua práxis. Sendo assim, pesquisas em torno da Extensão na formação do Psicólogo são produções que devem ter mais atividade, na intenção de mostrar o quanto essa experiência é rica, também, ao fazer do Psicólogo.

Ainda que o trabalho tenha sido construído com dificuldades, o problema em questão se mostrou amplo podendo levar o pesquisador aos vários caminhos diferentes, desde a questão da Extensão ser uma complementação na formação em Psicologia – já que esta está construindo um dos pilares da uma Diretriz Curricular rica em estágios – até chegar às possíveis críticas e/ou avanços da curricularização da Extensão. Assim, espera-se que este trabalho possa ser usado como um princípio de uma expansão em relação ao tema.

Por fim, a Extensão aparece como um dispositivo essencial na formação do estudante e ao longo deste trabalho se percebeu o impacto da relação ensino-pesquisa-extensão em estudantes de graduação. A Extensão Universitária é, portanto, uma das práxis sociais da Universidade, que almeja o desenvolvimento social, fomentando projetos e programas de extensão que levam em consideração saberes e fazeres populares e, além disso, garantam valores democráticos de igualdade de direitos, respeito à pessoa, transformando vivências universitárias de extensão em novos sentidos de vidas para estudantes e futuros profissionais.

REFERÊNCIAS

BOCK, A. M. B. Perspectivas para a formação em psicologia. **Psicol. Ensino & Form.**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 114-122, 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612015000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 04 de janeiro de 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Brasília: MEC/CRUB, 2000. Documento do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras.

_____. Decreto nº 19. 851 de 11 de abril de 1931. Dispõe que, o ensino superior no Brasil obedecerá, de preferência, ao sistema universitário, podendo ainda ser ministrado em institutos isolados, e que a organização técnica e administrativa das universidades é instituída no presente decreto, regendo-se os institutos isolados pelos respectivos regulamentos, observados os dispositivos do seguinte Estatuto das Universidades Brasileiras. Ministério da Educação. **Coleção das Leis do Brasil**. 1931.

_____. Lei nº 13.005 de 25 de junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências**. Ministério da Fazenda – MF; Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão – MP; Ministério da Educação – MEC. D.O.U. de 26/06/2014, p.1. Brasília, 2014.

_____. Lei nº 4.119 de 27 de agosto de 1962. **Dispõe sobre os cursos de formação em Psicologia e regulamenta a profissão do Psicólogo**. Ministério da Fazenda. Ministério da Educação e Cultura. DOFC de 05/09/1962, p. 9253. 1962.

_____. Lei nº 10.172 de 9 de janeiro de 2001. **Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências**. Ministério da Educação. D.O. de 10/01/2001, p.1. Brasília, 2001.

I FORPROEX, Encontro de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Conceito de extensão, institucionalização e financiamento**. Brasília, 1987. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/1987-I-Encontro-Nacional-do-FORPROEX.pdf>> Acesso em 09 de janeiro de 2018.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

FREIRE, S. de M. **Desafios da Extensão Universitária na contemporaneidade**. Conexão UEPG. v. 7, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/3670>>. Acesso em 05 de janeiro de 2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª edição. 3ª reimpr. Editora Atlas. São Paulo, 2010.

GUIMARÃES, A. M. (org.) **Dicionário do Pensamento Marxista**. T.B., editor. Laurence Harris, V. G. Kiernan, Ralph Miliband, coeditores. Tradução: Waltensir Dutra. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LIMA, A. F. L., SANTOS, B. O. *et al.* Uma breve história do curso de Psicologia na Universidade Federal do Ceará. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v.7 n.1, p. 285-288, jan./jun. 2016.

LISBOA, F. S. & BARBOSA, A. J. G. Formação em Psicologia no Brasil: um perfil dos cursos de graduação. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 29, n.4, p.718-737, dez. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000400006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 04 de janeiro de 2018.

MARTINS, K. P. H.; MATOS, T. G. R.; MACIEL, R. H. M. de O. Formação em psicologia e as novas demandas sociais: relato dos egressos da Universidade de Fortaleza. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 9, n.3, p. 1023-1042, set. 2009 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000300013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 04 janeiro de 2018.

MOLINA, R., BRITO, R. P.de *et al.* Extensão Universitária e Formação Profissional: A Expressão de estudantes universitários. *in* SÍVERES, L. (org.). **A Extensão Universitária como princípio de aprendizagem**. Líber Livro. Brasília, 2013.

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE PSICOLOGIA. **Unidade Avançada de Sobral**. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, março de 2006.

RUDÁ, C., Coutinho, D. & ALMEIDA-FILHO, N. (2015). Formação em psicologia no Brasil: **o período do currículo mínimo** (1962-2004). Memorandum, 29, 59-85. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/18385>> . Acesso em 27 de dezembro de 2017.

SERRANO, R. M. S. M. Conceitos de extensão universitária: **um diálogo com Paulo Freire**. Universidade Federal da Paraíba. 2012. Disponível em:<http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf>. Acesso em 09 de janeiro de 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, Resolução nº 28/CEPE, de 1º de dezembro de 2017. **Dispõe sobre a curricularização da extensão nos cursos de graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC)**. Prof. Henry de Holanda Campos, 2017.

WAHLBRINCK, I. F. *et al.* Extensão universitária: **possibilidade de práxis libertadora pela ética do cuidado**. Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental Santa Maria, v. 19, n. 1, Ed. Especial, p. 61 – 69 Revista do Centro de Ciências Naturais e Exatas – UFSM. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reget/article/viewFile/19186/pdf>>. Acesso em 27 de dezembro de 2017.

ANEXOS

ENTREVISTA 1 (A.C., oitavo semestre fatorial do curso, entrevista feita face a face)

E: O que significa a extensão para sua formação?

R: A extensão no sentido geral ou...?

E: Os dois, você pode falar dos dois.

R: Assim, acho que quando eu entrei no curso, né... sempre é apresentado isso “aqui na universidade tem extensão, ensino e pesquisa”, mas das extensões que eu visitei – o LAEDES foi a primeira, né, que eu cheguei a ter um contato inicial, que foi ainda no final do primeiro semestre e acho que foi a que por atravessar um tema que eu já tinha interesse antes de entrar na Psicologia... me interessou bastante. Aí, depois do LAEDES eu vim a conhecer outras extensões que foram o LANAC, eu fui uma vez no VEREDAS. Mas desses o que fez eu ficar por ali, inicialmente, foi o LAEDES e o LANAC, mas o que me fez permanecer mesmo foi não só pelos temas, mas pelo que representou a extensão para mim, né? Eu sempre me senti no LAEDES como uma família, assim, né, nesse convívio todo mundo entre os extensionistas por ter essa proximidade e tudo mais, mas também por ter essa proximidade de pensamentos, de poder conversar e discutir temas que acontecem e que estão acontecendo atualmente. De poder ter algum local para discutir e conversar, ser acolhido sobre isso, sabe? Porque, assim, a gente, às vezes, sempre trazia algum problema que a gente passava, né, e conversava com os companheiros do LAEDES, com a prof.^a Denise, enfim... e eu acho que isso foi um grande fator assim, porque eu não percebia isso em outras extensões, era mais no sentido de... a gente chegava, era apresentado um tema relacionado com o objetivo da extensão, né, e era apresentado, assim, estilo sala de aula e pronto, a gente conversava sobre aquele tema, mas não dava tanta margem para a gente trazer coisas que a gente via, coisas do cotidiano ou conversar sobre alguma dificuldade, algum problema. Então, eu acho que essa diferença entre esse estilo e o LAEDES foi que significou muito para mim, fez essa diferença maior. Acho que pelo fato de eu não me interessar pela Psicologia em si eu me identifiquei muito com isso de poder conversar sobre temas que eu gosto, de poder ir a campo – um campo que eu gosto muito de tá presenciando, que eu gosto muito do que a gente faz nas ações e de poder tentar agir no mundo de alguma forma que melhore ou ajude a outra pessoa partindo da academia, desse lugar de estudante.

E: Como você vê a extensão e em que ela contribui para a formação do Psicólogo?

R: Bom, eu acho que principalmente essa saída para além dos muros da universidade. Tudo bem que o ensino e a pesquisa é ótimo, a gente não deixa de ter contato com o público em alguns momentos, mas a extensão eu acho que ela tem essa característica que me atrai muito, né, que é você realmente ir lá fora, né, ter essa interação com a comunidade. Não só “ah, eu sou a detentora do conhecimento e eu vou lá passar meu conhecimento”, mas também aprender junto com a comunidade, né, escutar, receber aquela demanda, saber o que que está acontecendo ali e aprender com aquilo, que não deixa de ser aprendido mesmo que não seja nos moldes acadêmicos, né, mas... eu acho que essa troca de conhecimento e aprendizados é muito importante para isso, para complementar grandiosamente a formação do estudante. Acho que, assim, de qualquer estudante, porque você vai se formar e você vai atuar fora

daqui, vai atuar com, em comunidade, a gente vive em comunidade, então, é... você passar todos os anos da sua formação apenas em sala de aula, só nessa dinâmica e só presenciar esse contato quando se formar, não sei, não que a pessoa vá fracassar ou algo do tipo, mas você vivenciar a extensão durante o ensino facilita, acho que traz um aprendizado maior e facilita a você estar exercendo sua profissão quando concluir.

ENTREVISTA 2 (B. C., egressa do curso há quatro anos, entrevista feita através de rede social)

E: O que significou a extensão para a sua formação?

R: Então, a extensão teve um papel fundamental na minha formação, porque os meus 5 anos de formação 3 deles eu fui extensionista, inclusive, especificamente do LAEDES, e esse comprometimento que eu assumi com a instituição me resultou em uma possibilidade de entender o papel da Psicologia e da academia para além dos muros da Universidade. A extensão trouxe para a minha formação esse olhar mais abrangente, esse olhar diferenciado, onde eu pude colocar aquilo que eu tava aprendendo, aquilo que me instigava, as minhas inquietações. Eu pude levar isso para um ambiente que tava pra muito além daquele espaço da sala de aula, né? Então, eu tive contato com instituições diferentes, com outras pessoas, com outras propostas, e no caso do LAEDES, né, eu tive um contato direto com, justamente, os sujeitos que a proposta do LAEDES tentava atingir. Isso foi muito importante, porque direcionou as minhas escolhas para o mestrado, né, que foi também uma decisão crucial na minha vida, o contato que eu tive com os jovens que eram atendidos pelo LAEDES dentro do projeto de extensão me fez querer fazer uma pesquisa de campo no mestrado onde eu pudesse entrar em contato com pessoas em situação de empobrecimento e vulnerabilidade, porque eu pude perceber no contato anterior que eu tive o quanto essa experiência era rica e iria me trazer informações únicas, né, que eu poderia reverter em uma produção acadêmica de qualidade e original. Então, assim, sem dúvidas a extensão teve um papel muito relevante para mim, não só na minha formação, mas também na minha vivência pessoal, acho que todo estudante precisa passar por esse momento... de sair de dentro dos bancos da sala de aula, sair de dentro dos muros da Universidade, olhar para fora e tentar traduzir aquilo que ele escuta dos professores, aquilo que ele lê, em algo que possa transformar o mundo, né? Que esse, no fim das contas, é o nosso compromisso social, a gente assume um compromisso de transformação com a realidade sócio-histórica que nos cerca. Então, eu acredito que esse foi o compromisso que eu assumi a partir do momento que eu ingressei na extensão e dei continuidade a isso na minha formação acadêmica.

ENTREVISTA 3 (D.C., egressa do curso há um ano, entrevista feita através de rede social)

E: O que significou a extensão para a sua formação?

R: Assim, como eu entrei na extensão no segundo semestre da graduação e eu só saí no último, eu posso dizer que toda a minha graduação ela teve essa vivência da extensão, né, e

nisso eu fui percebendo tanto o meu progresso enquanto estudante – em várias questões -, porque eu entrei na graduação um pouco tímida – ainda hoje eu tenho essa questão com a timidez – e, de certa forma, eu evolui muito nesse sentido, que são algumas competências básicas para a profissão e, também, enquanto pessoa que essas habilidades são importantes de serem desenvolvidas. Então, na extensão eu tive a possibilidade de desenvolver essas aptidões e, também, enquanto práxis, enquanto experiência, saber refletido, de me reconstruir e de pensar a minha ação, de pensar a mim, o que eu queria, nisso da gente fazer nossas projeções no projeto de vida a extensão foi me guiando em todo o meu processo acadêmico a partir desse contato, a partir dessas leituras, porque a minha experiência com a extensão eu não vejo apenas com a prática, com o momento da extensão, mas também com as reflexões, com os momentos das leituras que guiavam essa ação. Então, assim, durante esse percurso eu percebi que não apenas eu evolui nesse sentido de amadurecimento, de evolução, como também o próprio laboratório e as próprias pessoas foram amadurecendo ideias, questões e eu vi e vivi esse amadurecimento, sabe. O surgimento de certas ideias, não, o surgimento, não, seria o descobrimento, e como elas nos transformaram. Além dessa transformação no grupo, eu posso ver a transformação em mim, porque as minhas escolhas – como eu já havia dito – elas foram guiadas por essas relações, por esses aprendizados. Então, a partir das minhas inquietações com a extensão eu resolvi fazer estágio optativo em orientação profissional, porque era uma prática muito referente – para mim – ao que a gente fazia no LAEDES, mas eu achava ainda que aquilo não era bom o suficiente, ainda não era o bastante. Aí quando eu me propus a trabalhar com orientação profissional, eu quis justamente dar um jeito de preencher essa lacuna, porque para mim faltava alguma coisa nesse momento de extensão e talvez fosse justamente a contribuição do saber psicológico. Então, de início eu pensei em fazer esse estágio para contribuir com as ações do LAEDES e aí a experiência foi maravilhosa, contribuiu muito para mim, só que eu não pude – de certo modo – implementar aquilo... até mesmo por questão da orientação... então, por conta disso, aquilo que eu pretendia acabou não se efetuando, mas – para mim – àquela experiência que foi decorrente desse anseio ela surtiu vários outros significados, pois a partir daí eu tive que fazer a escolha – já que é um rompimento – o meu estágio obrigatório no CRAS que entre várias outras tiveram muitas consequências para mim, que foi uma escolha difícil e ao mesmo tempo que foi uma escolha que me surtiu bons efeitos, bons frutos da qual eu não me arrependo de ter terminado dessa forma. E que essa experiência no CRAS, em estágio optativo, foi essencial para a minha permanência no CRAS durante o período de um ano no qual, justamente, eu atuei nessa área de orientação profissional, no contato com os jovens a partir de algumas leituras que eu já tinha feito anteriormente e foram sustentando. A partir das experiências no LAEDES, das leituras do LAEDES, eu orientei meu TCC, então, assim, toda a minha graduação ela esteve atrelada a extensão. Eu posso dizer que eu vivi ensino, pesquisa e extensão na graduação e isso é uma coisa da qual eu me orgulho muito, pois eu sinto esse tripé bem entrelaçado na minha graduação. Quando eu lembro e olho pra trás e penso na extensão eu não vejo apenas as ações ali nas escolas, eu vejo aquele momento da ação quanto às leituras que precederam as ações e as posteriores as ações, as nossas reflexões após a ação. E vejo também o quanto isso reverberou na nossa pesquisa do PRONATEC e, também, na minha pesquisa individual para o TCC. Para além disso, essas nossas leituras por ter essas experiências, elas contribuíram – inclusive – na construção do meu projeto de mestrado. E na escolha por cursar um mestrado

em Educação que foi aproximado, justamente, pelo LAEDES, por tudo o que a extensão foi me trazendo. Então, eu posso dizer que a extensão me construiu enquanto Psicóloga – nessa formação diferenciada que eu considero que tenho – que foi uma formação marcada pela extensão, marcada por um viés mais sociológico que era bem característico do grupo e, ao mesmo tempo, ela me reconstruiu, porque eu fui me modificando nesse processo, né, não é um processo linear, entre voltas e voltas eu fui aprendendo nesse percurso. Entendeu? Então, a experiência na extensão foi ímpar na minha vida acadêmica, na minha vida profissional, porque muitas habilidades eu pude desenvolver lá, muitos conhecimentos eu construí e reconstruí lá. E hoje, assim, eu sou muito grata por essa experiência e eu espero que no futuro eu possa continuar nessas práticas de extensão... não sei com que caminhos... mas, assim, é... foi um aprendizado muito grande, um amadurecimento muito grande.

ENTREVISTA 4 (I. D., quarto semestre do curso, entrevista feita face a face)

E: O que significa a extensão para sua formação?

R: Eu sempre tive um olhar mais atento em relação a questão da extensão, porque eu via só a questão da teoria em sala de aula, em sala de aula e o curso também vem oferecer a questão de grupo de estudos, mas só que isso não era o suficiente. Claro que temos que ter a base teórica, bem fortalecida aliás, mas só que a extensão te proporciona tanto em ter a base teórica como também te proporciona ir a campo e isso fomenta mais, tipo, ajuda mais na questão da formação na sua graduação. Por isso que eu sempre me mantive atento a questão da extensão, não só àqueles projetos que se dizem ser extensão, porque as vezes a gente nem vê a extensão em si, mas ela te proporciona a ter um olhar diferente em si em relação àquilo que está sendo aplicado. Por exemplo, a gente estuda uma teoria e a gente vai perceber essa teoria na prática, a gente vê a divergência entre a teoria e a prática. Ao mesmo tempo isso te fortalece em estar na graduação, pelo menos no meu caso as ações que eu realizo de extensão isso faz com que eu me fortaleça dentro da graduação de que não faça daqueles momentos que eu quero desistir da graduação é... eu reúno forças para aplicar no projeto de extensão, qualquer que seja ele, mas esse intuito de me ver enquanto profissional na área me fortalece muito, fugindo da teoria, da sala de aula... e eu coloco que, às vezes, isso pode te frustrar um pouco, a gente tá só nisso sem conhecer o campo faz com que a gente se sinta um pouco frustrado nessa relação de que você não conhece o campo, você nunca viu ninguém... por isso que eu sempre tive esse olhar especial para a extensão. E isso não foi somente quando eu entrei na UFC, eu trabalhava numa instituição de ensino superior e eu trabalhava no setor de extensão e eu sempre via as pessoas produzindo artigos científicos a partir de campo que eles iam. Ou seja, o que a extensão te proporciona a partir disso, não é um projeto limitado, é um projeto que te faz ir mais além, não é só ir a campo e pronto, te faz produzir, te faz tirar conclusões a partir daquilo que tu estuda e pratica.

ENTREVISTA 5 (J. M., oitavo semestre do curso, entrevista feita face a face)

E: O que significa a extensão para sua formação?

R: A extensão foi todo um processo. Entrar na universidade, obviamente, que eu tinha todo um ideal, imaginava certas coisas e o primeiro impacto não foi tão positivo assim, então... por isso que, no caso, o LAEDES significou as palavras que falei “vida”, “construção”, “amizade” e “luta” que também não deixa de ser a extensão em si, já que eu não posso falar das outras extensões. Mas esse significado da extensão que é uma possibilidade de não só comigo significar as palavras que usei, mas também com as pessoas que a gente acaba atuando, né. A gente já teve ações em ambientes, de certa forma, muito fragilizados, encontramos pessoas naquela situação que se mostraram situações fragilizadas. Então, poder ouvir àquelas pessoas, mostrar a universidade como um caminho possível, tá lá tendo esse contato sem essa questão do julgamento, mas na tentativa mesmo de entender e de acreditar nessas pessoas eu acho que pode sim ter significado nisso também para elas, né. E aí isso é muito para mim, porque a extensão ela é essa possibilidade de não só fazer ciência, mas entender, é essa aproximação com as pessoas, de ajuda, de fortalecimento na extensão. Não só esses aspectos, mas como eu nunca me vi pensando, por exemplo, a pauta feminista é bem interessante hoje eu me vê tendo esses pensamentos, estudando alguma coisa sobre isso, porque até então era uma coisa que eu não me via, que eu não achava necessária por falta de conhecimento. Então, assim como a questão, o que me colocou em primeiro foi o aspecto da pobreza, mas foram surgindo outros como o racismo, a questão do feminismo... foram pautas que acrescentaram. Então, as extensões não são só isso, só essas palavras, mas o que elas podem representar tanto para mim como para essas pessoas... que é o que fortalece, porque se ficasse uma coisa só para mim eu não tivesse a tanto tempo – há quatro anos que eu estou -, talvez eu não tive me doando como eu me doou há tanto tempo. Não é só isso, mas o que posso falar inicialmente da extensão é isso, mas significa muito mais, inclusive, de coisas que não dá para dizer, é o indizível.

E: Como você acha que contribui de alguma forma a extensão para a formação do Psicólogo?

R: Essencial. Eu tinha um ideal de universidade, eu tinha um ideal de como eu queria trabalhar, mas eu não tinha um ideal de um Psicólogo. E eu acho que isso foi importante, porque eu sofri menos, então, eu fui construindo isso aos poucos. Então, o que que acontece... na instituição, por ter esse contato com a vulnerabilidade, com essa diferença, inclusive, em vários contextos, ela ajuda não só na teoria como o que o psicólogo deve fazer ou deixar de fazer, mas é inicialmente essa experiência no contato com o outro nas suas diferentes formas mesmo, tá, porque o livro ele não dá conta... ele apresenta, apresenta, ele é importante, mas infelizmente ele nunca vai dá conta do que realmente é estar em contato com as pessoas, com suas dores, suas angústias, seus sorrisos ou não, né. E, nesse sentido, estou me formando em breve tendo essa experiência, né, ao longo desses quatro anos com diferentes públicos, ainda que seja um pouquinho mais específico já que são jovens, mas a gente já teve crianças nas nossas ações, a gente já teve idosos nas nossas ações, né. Então, me ajuda nesse sentido assim... ir para além do livro. Muitas vezes confirmar ou refutar algumas teorias, entender que elas têm seus limites – que às vezes isso não fica claro -, né, e o contato com essas pessoas. Então, estou me formando não só na teoria, mas também numa determinada prática, principalmente, nesse contexto vulnerável e social que, infelizmente ainda, não sei se é uma falta do nosso curso ou da Psicologia, que ela ainda não tem esse olhar tão... mais social,

dentro desses caminhos que a gente tem se inserido, né, mesmo que a gente estude Psicologia Escolar ou tenha estágio básico com contato na assistência, mas a gente ainda assim não tem tanto contato com esse contexto que é o mais tocante para mim que é o relacionado a pobreza. Então, é fundamental para mim essa experiência. Mesmo. Ela acrescenta esse lugar que eu não tinha um ideal, mas que eu construí, que é mais atento às pessoas, mais consciente do impacto que as minhas palavras e minhas ações podem ter na outra pessoa, mais responsável que querendo ou não é um lugar de poder esse onde eu estou que isso pode ser até um fator anulador do sujeito se não tiver cuidado. Então, é fundamental.

ENTREVISTA 6 (M. C., oitavo semestre do curso, entrevista feita face a face)

E: O que a extensão significa para sua formação?

R: Assim, tem o que é a extensão em si, tem o que eu penso da extensão e tem a experiência que eu faço, né, dentro da extensão. Porque, às vezes, o que é posto na Universidade como sendo determinada coisa, quando a gente vê é... a coisa no conceito é diferente de quando você entra em ação dentro daquilo ali. Aí, muitas vezes quando a gente faz a experiência de um grupo não, necessariamente, a experiência corresponde com aquilo que a gente pensava enquanto a ideia, né. Aí eu faço sempre essa distinção assim. Eu acho que a minha experiência de extensão foi mais ou menos assim também, até porque na... na minha primeira formação eu tive uma experiência de extensão que... eu fui do PIBID, né, e aí o PIBID é um Programa de Iniciação à Docência que a gente sai da Universidade e vai para uma escola para tentar aplicar com os alunos da escola algum tipo de projeto que tem a ver com o campo de estudo que a gente trabalha. No caso, como eu fazia licenciatura em Filosofia, esse projeto do PIBID, a gente ia para a escola para tentar desenvolver com os alunos atividades relativas ao ensino de Filosofia. E aí foi um período bom para mim, tanto importante no sentido da gente é... fazer o contraste entre o que a gente estuda na Universidade – que é a Filosofia – como a Filosofia que é ensinada na Escola Pública. Então, primeiro, eu já tive essa disparidade, esse contraste, porque a Filosofia que a gente estuda na Universidade não é a Filosofia que é ensinada na Escola Pública. E como eu não tive ensino de Filosofia no meu ensino médio, né, quando eu fiz o ensino médio ainda não era obrigatório, então, eu não tive a disciplina de Filosofia e eu tinha essa curiosidade mesmo de saber “como será que é ensinada a Filosofia no ensino médio?”. E aí foi uma coisa meio decepcionante, porque eu achei muito raso, né, muito simplório, muito assim... E aí, a experiência que eu fazia com a Filosofia de ser uma coisa de... que mexia com a gente, né, que... movimenta algumas coisas da nossa interioridade, né, porque... como a Filosofia mexe muito com essas coisas de questionar e de pensar, então, a gente meio que se envolve com a Filosofia, assim como acontece com a Psicologia, né, e deve acontecer nos outros cursos de Humanas – eu imagino. E, aí, o ensino de Filosofia no ensino médio que eu vi não provocava isso aí, não tinha essa... então, eu... qual foi a conclusão que eu cheguei? Que, no ensino médio, não era possível se ter uma experiência filosófica mesmo, né, propriamente dita. Aí essa minha primeira experiência com a extensão foi meio frustrante nesse sentido de eu ter me deparado com uma coisa fora da Universidade e que não era muito... não era muito... positiva, no meu modo de julgar, né. E aí

a gente tentou trabalhar com os alunos, a gente fez algumas oficinas com eles... a gente levava umas temáticas da Filosofia, levava alguns autores, e tentava trabalhar com eles nessas oficinas. E aí... foi muito positivo para mim para eu poder desenvolver algumas habilidades que eu não tinha, né, de... assim... de grupo... de falar com as pessoas, né... de falar em público. Eu achei que foi positivo para mim essa experiência da extensão, porque a extensão me fez entrar em contato com pessoas fora dali, daquele círculo que eu tinha ali, de convivência dentro da Universidade e me expôs a um contato muito diferente, porque não é a mesma coisa você conversar sempre com as pessoas ali do seu nível acadêmico, né... você conversa outras coisas e você tem que... que... conversar com pessoas que não são dentro da academia, mas que eles precisam conversar com você sobre esse conteúdo que você tá estudando academicamente. Então, isso me ajudou a tentar transpor um pouco da Filosofia que a gente aprende dentro da Universidade para essas pessoas. Isso me fez exercitar um pouco a fala, a comunicação – que não era uma coisa que eu fazia muito – e tentar explicar melhor o que era a Filosofia e alguns temas filosóficos para eles, aí eu vejo isso como uma coisa positiva, mas eu não gostei muito de como a Filosofia é tratada fora da Universidade. Eu acho que a Filosofia não alcança as pessoas que estão fora, que estão no ensino médio. Não culpo os professores, porque tem toda uma dinâmica, uma estrutura, para isso... que limita muito a atuação dos professores, fora outros condicionantes também. Às vezes os alunos não têm muito acesso a leitura, né, nem tem também muito o hábito de ler, aí... como Filosofia é muita leitura, e é um tipo específico de leitura, aí isso também é difícil, né, dificulta um pouco.

E: E aí eu queria que você falasse um pouco da importância que você acha da extensão para a formação do Psicólogo.

R: Pronto. Aí eu posso falar da minha experiência no LAEDES, né, que foi a segunda extensão que eu participei. É... quando eu entrei na UFC eu tive algumas preocupações... eu cheguei muito animado porque, finalmente, eu tava fazendo o curso que eu tinha vontade de fazer. Eu não desgosto da Filosofia, mas ela não foi minha primeira opção de curso, eu me descobri gostando da Filosofia quando eu já tava lá dentro, né. Então, eu entrei na Filosofia porque eu era seminarista e todo seminarista tem que, por obrigação, fazer Filosofia, mas lá... quando eu estudava no ensino médio... meu interesse era fazer Psicologia, porque eu queria ser Psicólogo. E, aí, com aquela ideia do imaginário comum, né, de pensar que o Psicólogo é o Clínico, né, eu não sabia ainda da amplitude que tem a atuação do Psicólogo... e, também, porque o Psicólogo mexe com questões da mente, né, da interioridade, da subjetividade das pessoas e eu sempre fui muito curioso com essas coisas, né, e aí quando eu entrei no curso eu fiquei satisfeito por eu ter finalmente chegado no curso que eu queria fazer. Mas, aí, eu tive uma série de problemas, porque a minha formação em Filosofia me condicionou, sabe, me condicionou de uma maneira de estudo específico e de um olhar específico, e aí quando eu cheguei na Psicologia eu fiquei meio perdido com a dinâmica do que é estudar e do que é perceber o mundo e as coisas a partir do modo psicológico de fazer isso. E aí eu fiquei preocupado com o modo em como eu iria me situar ali dentro do curso... e quando eu vi as apresentações das extensões de cara eu me interessei pelo LAEDES por dois motivos: por ser coordenado pela professora Denise, porque ela era uma pessoa assim.. a meu ver, muito receptiva e como – também – ela não era da área, né, da Psicologia, então, eu podia encontrar

ali alguém que pudesse me ajudar dentro desse campo e, também, pelo LAEDES tratar da questão da pobreza, porque eu tenho todo um histórico, né, dentro dessa temática... é um tema que me perpassa de muitas maneiras – não só pela condição que eu venho, de uma família de origem humilde – mas, também, porque eu tive uma experiência religiosa que envolve a pobreza, né. Eu fui de uma diocese, da diocese de Crateús, que tem como base de fundamento de atuação a Teologia da Libertação e aí eu venho de toda uma experiência religiosa que trabalha com o sujeito pobre, né, para tentar atingir a emancipação desse sujeito e que acredita, que tem uma fé, que pensa que Deus veio para fazer justiça no mundo, justiça social. E, aí, quando eu vi o LAEDES trabalhando essa temática eu disse “é prali que eu vou” que é um campo que eu acho que eu posso... mas, então, em que que o grupo de extensão do LAEDES me ajudou, né, falando da minha experiência pessoal... Me ajudou a compreender melhor o campo da Psicologia – por incrível que pareça, né – então, não foi nas disciplinas de Psicologia propriamente que eu descobri o que que era Psicologia, foi na extensão, no LAEDES, que eu percebi melhor esse campo da Psicologia, porque o pobre tem subjetividade, né, e aí os textos, as leituras que a gente discutiu dentro do grupo faziam com que a gente ficasse de frente para isso, né, o quanto que a condição de pobreza incide na dimensão subjetiva, representativa, das pessoas... o quanto isso é... implicante no modo como a pessoa se vê, no modo como ela se enxerga no mundo, como ela olha o mundo a sua volta... E aí já vem a cabeça muitas falas que a gente escuta lá nas ações, né, no contato com os outros e fora das ações também, porque as discussões que a gente faz no LAEDES deixa a gente com o ouvido atento já para essas falas e aí quando a gente escuta um colega da gente dizer que tá em crise porque tá aqui dentro da Universidade e a condição de pobreza dele tá todo tempo martelando na cabeça dele que esse lugar aqui não é um lugar para ele, né, então, eu acho que isso é psicológico, né... isso daí diz da Psicologia. Então, eu acho que se tem uma coisa que a extensão me ajudou a fazer foi a perceber esse campo, esse campo da Psicologia, não tô desmerecendo as outras disciplinas, não tô dizendo que... outras não... as disciplinas, né, não tô dizendo que as disciplinas do curso não formam a gente para entender o que é Psicologia, mas que o LAEDES me fez meio que entrar em contato direto direto com isso, com a fala das pessoas, com as representações delas, com o que elas dizem, né, e aí isso me ajudou a fazer esse caminho de transição. E, também, a transição de é... ao nível de conhecimento, porque existe a metodologia filosófica, né, de estudo, de conhecimento e quando eu vim para cá eu me senti perdido, porque parece que na metodologia das Ciências Humanas não filosóficas, né, da Psicologia e das Ciências Sociais, tem uma multiplicidade muito grande metodológica e de pesquisa e tal... e eu fiquei perdido com isso. E, aí, como no LAEDES a gente também faz pesquisa, então, o LAEDES me ajudou demais, né, a fazer esse caminho de transição ou de adaptação.

ENTREVISTA 7 (R. A., egressa do curso há quatro anos, entrevista feita através de rede social)

E: O que a extensão significou para a sua formação?

R: Eu posso dizer, assim, que a minha experiência com o LAEDES foi a melhor experiência que eu tive na graduação, foi a experiência que mais me transformou como profissional, como pessoa. A extensão, eu acredito que ela tem esse poder de levar a gente, né, à prática e fazer com que nós entremos em contato com realidades que, muitas vezes, elas só conseguem ser percebidas na sua importância, totalidade, quando a gente vai à campo. A extensão tem esse poder de desmistificar a teoria e nos aproximar de uma realidade que é muito maior do que a gente imagina. Como o objeto do LAEDES é a desigualdade social, isso não tem como não ser impactante, não tem como nós sairmos ilesos das experiências que nós encontramos nas nossas atividades de extensão. É... e o LAEDES tinha um formato que – eu não sei como tá hoje – mas era um formato que eu achava muito interessante. Nós começamos como um grupo de estudos, porque nós compreendemos que ir pra prática sem embasamento teórico e sem objetivos a gente não consegue ir a lugar nenhum, né. A gente não consegue fazer alguma coisa concreta. Então, a gente estudou muitas coisas, de muitas fontes, envolvendo Psicologia, Psicologia Social, Sociologia, Antropologia é... Ciências Políticas, de alguma forma Direito, também, Literatura... então, é muito rico, é muito rico o potencial teórico que o LAEDES nos possibilita. Filosofia, também, claro. E aí... nossos grupos de estudos tinham discussões muito pertinentes, coisa que eu sinto muita falta, eu amava, amava quando a maioria (ou todos) conseguiam discutir, porque aquele momento de discussão era o momento onde a gente podia perceber coisas que a gente não tinha percebido e só conseguia perceber com o olhar do outro, né, ouvindo o outro, né, respeitando a opinião, né, tanto que o nosso grupo não é homogêneo... nós temos visões em comum, mas não era homogêneo. A gente tinha pessoas da Economia, da Odontologia, da Psicologia... e pessoas com posições ideológicas diferentes, mas era muito enriquecedor. Então, esse era o primeiro momento de transformação. Ler já era um momento de transformação e discutir era muito maior ainda... o potencial de transformação, ao discutir a gente ampliava os horizontes e a gente se alimentava para poder ir pra prática. Então, quando a gente chegava na prática a gente não tava tão solto, por mais que a gente não tivesse tudo amarrado, porque... pense bem, né... eu comecei com o LAEDES, né, então eu participei da pré-concepção do LAEDES e dos anos iniciais, então, ainda tinha muita coisa a ser definida, né, muita coisa a ser construída, né, mas a gente sempre teve muita clareza do potencial transformador dessa extensão não só nas nossas vidas, mas nas vidas das pessoas que a gente encontrava a cada ação. E a gente também tinha essa maturidade de fazer avaliação, de refletir sobre o que a gente tava, né, sobre o que precisava melhorar, enfim, a gente fazia algumas lavagens de roupa suja, era um grupo que tinha essa maturidade, né. E espero que ainda tenha. Enfim, o LAEDES teve muitos frutos bons, os projetos independentes ligados ao guarda-chuva maior que é o Laboratório são projetos, na minha época eram projetos muito lindos. Na minha época eu tive o prazer de ser o coordenador do Reescrevendo Minha História que é um projeto que até hoje eu tenho no meu coração. E é interessante que essa minha experiência me mobilizou, também, em outras áreas da minha vida... não só a acadêmica e pessoal, mas também a área da fotografia. Então, eu comecei a gostar de fotografia de rua, fotografia documental... que tem muito a ver com essa experiência que eu tive. E os caminhos que eu tracei depois, também, né. Eu me apaixonei pela Psicologia Social com o LAEDES, que foi o que me fez buscar o mestrado em Psicologia Social. Então, assim, eu considero que o LAEDES plantou uma sementinha que faz hoje eu ter certeza que uma formação realmente rica tem que ter esses três pilares: ensino-pesquisa-

extensão. E o LAEDES a gente tinha esses três pilares. Na época que eu saí a gente tava começando a trabalhar com pesquisa. A gente teve um trabalho que foi fruto de pesquisa que foi o TCC da Bruna Clézia e... enfim, já tava se desdobrando, né, a pesquisa como algo que nasceu ali do berço laedeano. E a gente já trabalhava de certa forma com ensino, porque eu me lembro que os grupos de estudo tinham pessoas que ficavam responsáveis pelo texto, né, ela apresentava o texto, ela puxava a discussão, então, de certa forma ali a gente já tava entrando em contato com a docência, trabalhando com esse lado da docência. Na pesquisa, também, mesmo que ela não tivesse diretamente ela tava indiretamente quando a gente sentava a cada semestre para pensar nos textos que a gente iria estudar, porque no LAEDES a gente tinha isso de fazer tudo em coletivo, era a decisão do grupo, o que que a gente vai estudar... Me lembro uma vez que a Denise pegou vários livros que ela tinha comprado, que ela tinha em casa e aí ela levou numa reunião e disse ‘não, a gente tem que estudar esse capítulo aqui’ e a gente formou um cronograma de leituras maravilhosas, acho que foi o melhor semestre... ler os textos que a gente leu. E, bom, enfim... isso já é pesquisa também. E a Denise tinha muito isso de trabalhar, também, com matéria de jornal, com gravuras, figuras, enfim... é sempre... isso é também uma herança que o LAEDES deixou, essa interdisciplinaridade... a gente tá sempre buscando dialogar com outros campos de conhecimento, outras áreas do conhecimento, eu acho que isso é muito enriquecedor. Então, resumindo, eu acredito que todo mundo tem que ter uma experiência, que compreenda a importância de ter uma experiência de extensão na vida acadêmica e que essa experiência de extensão ela, sim, ela é transformadora e tem um potencial enorme de impactar as nossas escolhas acadêmicas, as nossas escolhas profissionais. E acho que o LAEDES é um exemplo de compartilhamento de conhecimento, a gente tinha uma extensão que tinha um objetivo, a gente saía para as atividades de extensão com um objetivo que era o seguinte: se a gente conseguir impactar uma vida, a gente já cumpriu nossa missão nesse local. E a gente, depois, nos surpreendíamos quando conseguíamos impactar mais de uma vida, né, e as pessoas reencontravam a gente e dizia “ah! graças a vocês... aquela palestra eu hoje tô na universidade, eu hoje tô fazendo curso tal...”. E eu me lembro, nunca vou esquecer, que uma das primeiras ações que a gente fez – não sei se foi a primeira, mas foi uma das primeiras – a gente foi no Cirão falar para uma turma de 3º ano e aí... a gente foi falar, né, da Universidade, das possibilidades que em Sobral tem... estadual, federal... e a galera acreditava que Universidade Estadual e Federal era para quem era aluno de Escola Particular, porque eles viam nos outdoors “primeiro lugar, não sei quantos aprovados...” achavam que era coisa de quem estuda no Farias Brito, de quem estuda no Luciano Feijão, e aí isso foi tão impactante para a gente... dar de cara com alunos do terceiro que acreditavam que a Universidade Pública era Privada por uma questão de, não sei... falta de informação, informação distorcida... leitura equivocada da realidade... que a gente decidiu levar pessoas de Escola Pública que se formaram nesses cursos para contar sua história, mostrar que não, quem é de Escola Pública pode/deve/tem o direito de estudar numa Universidade Pública. Aí a gente começou, tentou levar alunos de Escola Pública para a Feira das Profissões, enfim... a gente... eu lembro que a gente levou para uma Escola uma apresentação dos cursos e das Universidades que tinham em Sobral, públicas, claro, né. E a gente trabalhava muito no Reescrevendo com histórias de vida, então, a gente levava sempre um exemplo de uma pessoa que saiu de uma condição semelhante àquelas pessoas que a gente tava em contato nas ações, uma condição de certa

forma de vulnerabilidade social, que vive um outro lado da desigualdade social que é o da falta de direitos básicos, para mostrar que eles – assim como essas pessoas – podiam sair dessa condição, quebrar o ciclo de pobreza, e reescrever a história deles e da família deles. E isso era muito lindo. Eu me lembro de uma ação lá no SENAC que uma menina chegou para mim no final e disse “poxa! eu sempre quis fazer Psicologia, mas lá em casa todo mundo ri de mim quando eu falo isso, ninguém acredita, mas hoje eu descobri que quem precisa acreditar sou eu... e que vocês me fizeram acreditar que é possível”. Eu não reencontrei ela novamente, mas eu fiquei pensando no poder, né, da extensão. É... é muita coisa... foi muito tempo de LAEDES que eu passei e, como eu queria... passar de novo esse tempo em dobro, em triplo. E é uma das coisas que, se Deus permitir eu continuar na docência, criar um laboratório parecido com o LAEDES, eu tenho até o nome do Laboratório. Que eu pretendo que seja um Laboratório interdisciplinar, também, e que a gente trabalhe com mudança social... é por aí... O LAEDES, de certa forma, sempre foi muito destemido, a gente começou dando a cara a tapa mesmo, a gente não esperou as coisas estarem perfeitas para a gente começar. As nossas primeiras reuniões foram na Margem Esquerda, naquela grama cheia de bituca de cigarro e formiga, no meio do sol quente. A gente queria se reunir, queria discutir, não tinha espaço e a gente criou o nosso próprio espaço. E aí aos poucos a gente foi crescendo, ganhando uma sala... enquanto a gente não tinha uma sala a gente ficava numa sala de aula mesmo, quando não tinha aula a gente ia para lá... e a gente cresceu tanto que botamos para frente o Encontro Interdisciplinar de Estudos Sobre as Desigualdades, o ENEDES, né, e trouxemos pro I ENEDES um dos maiores nomes da Psicologia Social no Brasil, o Pedrinho Guareschi, que... minha nossa... foi impagável essa experiência... nossa, o I ENEDES foi... muito, muito, muito marcante. A gente teve ali discussões, pessoas, temas maravilhosos, né, Renato Roseno, os professores da casa, Pedrinho, nossa... foi... Lola... mas foi maravilhoso, muito, muito forte.

ENTREVISTA 8 (L. N., décimo semestre do curso, entrevista feita face a face)

E: O que a extensão significou para a sua formação?

R: A extensão foi essencial para minha formação como estudante de Psicologia e como ser humano. Hoje, posso dizer que sou uma pessoa melhor, mais preparada para a vida. Mudei junto com a extensão a cada ação que fiz com o LAEDES (extensão que passei mais tempo na graduação. No caso, foram 5 anos), a cada debate semanal, a cada leitura que fazia... minha pesquisa/TCC foi um recorte de tudo que o LAEDES me possibilitou. A escuta de histórias de vidas de pessoas empobrecidas, de pessoas que lutam por algo a mais ou que já desistiram desse algo a mais... me fez mais Psicólogo, me deu experiência vivencial incrível... de entender, de se colocar no lugar do outro. Sou muito grato por essa frase, que desde o início me impactou tanto... e é lema do laboratório: "Conhecimento é cidadania ativa". Foi com ela que me percebi como ser humano, como estudante de graduação... foi com ela que vi e ouvi pessoas se modificando, mudando suas condições de vida, reagindo, buscando conhecimento e quebrando seus ciclos de pobreza. Foi com o entendimento dessa frase que me vi me construindo como uma pessoa melhor... e dando novos sentidos em minha vida. Vejo a experiência da extensão como algo indispensável na vida de qualquer estudante... é, talvez, a

primeira experiência fora da universidade. Pode ser uma possibilidade de mudanças e provocar mudanças... de ser mais... mais no sentido de experienciar a práxis. É um momento de aprendizagem e que pode mudar totalmente os rumos de estudos do estudante. Mudou para mim, com certeza, sou LAEDES até o fim de minha vida... dos estudos teóricos, pesquisas às ações em campo que tanto me transformaram. Sou grato por essa experiência maravilhosa, é uma espécie de "graduação, além da graduação em psicologia". Brinco que fiz duas formações... em LAEDES e em psicologia... não que sejam apartadas, mas no sentido de que esta extensão tenha me dado insumos que talvez somente a graduação em sala de aula não pudesse dar.

E: Qual a importância da extensão para a formação do Psicólogo?

R: A extensão permite uma espécie de primeiro contato com as pessoas, experiência interessante para exercitar a escuta diferenciada do psicólogo em formação e futuro profissional. É uma práxis essencial na formação porque permite o contato com o outro, conhecendo um pouco sua história, sua trajetória de vida, suas dores... pelo menos, isso eu consegui alcançar com as extensões que fiz parte durante a minha graduação e isso me deu uma melhor ancoragem no sentido de escutar o outro, melhorar as intervenções no ambiente junto a população. Para o psicólogo, que trabalha direto ou indiretamente com pessoas é interessante que se tenha essa noção básica de escuta, de contato... que seja mínimo, mas que seja bem vivenciado para, assim, possibilitar uma melhor compreensão acerca do outro, é uma espécie de ampliação da visão de mundo, que, muitas vezes, é barrada com a concentração de aulas dentro de salas de aulas, ensino bancário que se foca apenas no repasse de conhecimento.